

Em relação à renda mensal recebida pelos vendedores ambulantes, a maioria apresenta renda entre 1 a 3 salários mínimos (um total de 69%) na capital gaúcha (Figura 2). Na capital maranhense, por outro lado, 58,6% dos entrevistados apontaram conseguir até 1 salário mínimo com o trabalho informal (Macedo e Diniz, 2020).

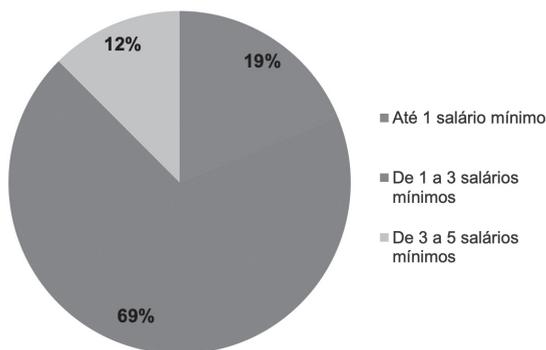


Figura 2.
Nível de renda mensal recebida entre os entrevistados.
Fonte: os autores.

Na pesquisa realizada com os vendedores Ludovicenses, Macedo e Diniz (2020) descrevem que os entrevistados informaram que a sua renda é a principal (muitas vezes, a integral) da família, sustentando vários entes familiares (no geral, até 3 pessoas). Já para os entrevistados gaúchos, a maioria informou que a renda não é a principal da família e, sim, um complemento. Por outro lado, é um complemento que ajuda no sustento em casa, financiando também até 3 indivíduos na família.

Uma outra questão explorada pelas entrevistas foi a respeito da percepção dos entrevistados quanto ao processo criativo e o modo de uso dos artefatos físicos utilizados para a comercialização de produtos e serviços. A maioria (63,2%) informou que já adquiriu o artefato desenvolvido, comprando-o diretamente de uma loja especializada ou de uma artesão ou de outra pessoa sem qualquer conhecimento técnico, porém elaborando adequações conforme suas necessidades para a melhoria do processo de comercialização. Por exemplo, na Figura 3, observa-se que o vendedor ambulante comprou um carrinho para vender pipoca em uma loja especializada e realizou adaptações para complementarem o processo de comercialização da iguaria com recipientes em polímero e em metal para acondicionar acessórios e condimentos que contribuem para a venda, além de outros recipientes contendo outros produtos, como balas, bombons, água e refrigerantes. Na mesma Figura 3, nota-se que o vendedor ambulante de discos de vinil realizou uma adaptação ao artefato, adquirido por um artesão (no caso, a base retrátil feita em madeira), utilizando recipientes em polímeros (caixotes para o acondicionamento e transporte de frutas e ver-

duras) para acondicionar os discos por ordem de estilos musicais, na tentativa de facilitar a busca e escolha por parte dos clientes.



Figura 3. Exemplos de adequações ou adaptações realizadas no artefatos. Fonte: os autores.

Já 36,8% apontaram desenvolver o artefato por conta própria, tendo como inspiração determinados produtos já vendidos no mercado ou produtos observados empiricamente no ambiente urbano, elaborando adequações necessárias à funcionalidade para a venda de produtos e serviços. Como exemplo, tem-se na Figura 4 um artefato desenvolvido por um vendedor de café e chá, com o desenvolvimento de uma bancada modulada a partir de caixotes de madeira. Ainda que, geralmente, tentam comprar materiais de custo reduzido para o desenvolvimento do artefato, como determinados tipos de madeiras (como aglomerados e MDF), polímeros (como o poliestireno expandido) e ligas metálicas. A mesma situação pode ser notada na pesquisa realizada na cidade de São Luís.



Figura 4.
Exemplo de artefato desenvolvido pelo próprio vendedor ambulante. Fonte: os autores.

Categorização dos artefatos: MapArtefato e MapAção ambulantes

Em Porto Alegre, foram encontrados tanto artefatos fixos (43,75%) quanto artefatos móveis (56,25%), diferentemente dos tipos encontrados em São Luís (55,2 % dos artefatos de DBP foram fixos e 44,8% foram móveis). Essa diferença talvez seja fundamenta na questão da regulamentação, visto que em Porto Alegre a legislação é mais rígida e bem mais detalhada quanto a padronização (dimensão, instalação, tração e fabricação) dos artefatos (Figuras 5 e 6).



Figura 5. Exemplos de artefatos fixos. Fonte: os autores.



Figura 6. Exemplos de artefatos fixos. Fonte: os autores.

Para a classificação de Löbach (2001), no geral os produtos comercializados pelos vendedores ambulantes em Porto Alegre abrangeram “produtos de consumo, que deixam de existir após o uso”: gêneros alimentos (milho, churros, pipoca, pastel, cachorro quente, bombons, sanduíches, dentre outros) e bebidas em geral (água, refrigerante, “quentão”, café, chás, cerveja, chopp). O mesmo observado em pesquisas realizadas em São Luís (Macedo e Diniz, 2020; Lima, 2022). Mas, também foram encontrados em Porto Alegre “produtos para uso individual”, como vestuário, acessórios, cigarro, quadros, artesanato, antiguidades, livros, discos de vinil, acessórios para smartphones (Figura 7).



Figura 7. Exemplos de produtos comercializados pelos ambulantes. Fonte: os autores.

Finalmente, conforme a classificação do INPI (2018), os produtos mais comercializados pelos vendedores ambulantes em Porto Alegre foram das seguintes classes: • Classe 43: pastel, milho, churros, cachorro quente, bombons e similares; • Classe 34: cigarro; • Classe 32, água, refrigerante, cerveja e quentão (vinho); • Classe 29, frutas variadas em natura. Mesmo sendo cidades (capitais) localizadas em regiões diferentes, nas pesquisas realizadas em São Luís (Macedo e Diniz, 2020; Lima, 2022) foram encontradas as mesmas classes, com algumas poucas diferenças relacionadas ao fator geográfico e cultural, como por exemplo: água de coco, Cuscuz, Guaraná da Amazônia, Mingau de Milho.

Considera-se importante enfatizar que, em suma, os artefatos físicos encontrados em Porto Alegre, utilizados por vendedores ambulantes para a comercialização de produtos e serviços, apresentaram uma composição estrutural em uma variedade de tipos de materiais (madeira, metal, vidro, polímero, dentre outros) e que apresentam uma preocupação funcional relacionada ao transporte, acondicionamento e exposição dos produtos vendidos. Destaca-se que, o fator “transporte” é um item muito relevante, tanto em artefatos fixos quanto em móveis, em decorrência de que os vendedores precisam montar e desmontar os artefatos e os acessórios nos locais onde costumam vender os seus produtos. Ainda que, a maior parte dos artefatos foi adquirida já desenvolvida, em lojas especializadas ou por especialistas (como artesãos), havendo algum tipo de adaptação ou adequação em sua estrutura para suprir alguma necessidade para facilitar o processo de comercialização e a visibilidade por parte da clientela (espécie de marketing). Ressalta-se, também, o fato de que boa parte dos produtos comercializados é relacionada à alimentos e bebidas, produtos perecíveis que requerem uma maior preocupação quanto ao acondicionamento, conservação e proteção contra agentes patogênicos (como salmonelas), por estarem expostos em ambiente aberto. O mesmo contexto pode ser observado na capital maranhense, sendo que Macedo e Diniz (2020) atentam para a situação de que os ambulantes, pelo conhecimento empírico, tentam resolver a questão do acondicionamento e conservação de alimentos e bebidas como o uso de fitas adesivas sob caixas de poliestireno expandido para a manutenção da temperatura de bebidas ou o uso de papel alumínio para a conservação de alimentos (Figura 8).



Figura 8.
Exemplos de adaptações quanto a conservação de alimentos e bebidas.
Fonte: os autores.

Considerações Finais

A primeira parte desta pesquisa, descrita ao longo do artigo, trata da apresentação de um panorama amplo sobre práticas relacionadas ao trabalho informal em culturas diferentes. Embora se tenha apontado proximidades referentes a questões demográficas, há uma diversidade importante no modo como tais trabalhadores realizam suas atividades informais. Algumas delas são estimuladas, por exemplo, pelo modo como as legislações de cada prefeitura são implementadas. Outras passam pelas características culturais e pelos modos de criar artefatos, ou adaptar produtos existentes de modo que se tornem significativos para os contextos em que são empregados e comercializados. Evidenciou-se, por exemplo, que alguns artefatos recebem um trabalho de adaptação, a partir das necessidades relacionadas ao processo de comercialização (tanto no âmbito funcional do próprio artefato, quanto na preocupação com a clientela e o consumo dos produtos vendidos). Este processo de transformação dos artefatos, é próprio da informalidade com que trabalham esses atores (e possivelmente não poderia receber essas atualizações em outro regime de controle). Embora seja uma prática muito próxima de um trabalho que envolve cópia e repetição, há ainda um trabalho inventivo de grande sensibilidade desses trabalhadores. Eles percebem em suas vivências a importância de um trabalho criativo, fundamental para que possam desempenhar seus papéis sociais. Esse elemento, entre outros, caracteriza um ecossistema de inovação particular, de muita força regional, no sentido de movimentar uma dinâmica produtiva e de subsistência que passa então a caracterizar uma cultura de desenvolvimento de produtos distinta.

Apesar da falta de formação acadêmica e dificuldade de acesso aos meios de produção institucionalizados, o trabalhador informal (vendedor ambulante) se vê obrigado a produzir artefatos que atendam às suas necessidades, os quais ajudam a garantir sua única fonte de renda, com criatividade e tentando inovar, em meio ao seu conhecimento empírico e tácito. Então, por meio desses artefatos de “Design de Base Popular”, algumas pessoas conseguem o sustento da família e têm a chance de serem inseridas na sociedade, dando-lhes a chance de apresentar alguma mobilidade socioeconômica. Percebe-se, portanto, a imensa possibilidade de geração de artefatos que possam resultar em produção de patente a nível de desenho industrial, levando-se em conta a aplicação dos conhecimentos advindos do mundo acadêmico do Design, visualizando tais conhecimentos como norteadores para a implementação de melhorias.

Referências

- Andrade, E. (2009). “Defesa de Inclusão do Design de Base Popular como Conteúdo de Disciplinas dos Cursos de Graduação em Design”. *Congresso Internacional De Pesquisa Em Design*, 5, 2009, Bauru. Bauru: Ciped, 2009. 6 p.
- Arend, N. (2018). “A cidade de ambulante: cartografando o centro de Porto Alegre. Dissertação (Mestrado)”. *Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional*, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2018. 116p.

- Barroso, P. (2017). “Na rua!: Mercado de trabalho e trajetórias sociais de vendedores informais”, *Caderno Eletrônico de Ciências Sociais*, Vitória, v. 5, n. 2, pp. 22-38, 2017.
- Bentz, I. e Franzato, C. (2016). “O Metaprojeto nos níveis do Design”, p. 1416-1428. In: *Anais do 12º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design* [= Blucher Design Proceedings, v. 9, n. 2]. São Paulo: Blucher, 2016. ISSN 2318-6968, DOI 10.5151/despro-ped2016-0120
- Cervo, A. e Bervian, P. (2002). *Metodologia científica*. São Paulo: Prentice Hall.
- Césaró, F. (2021). “‘ Parece que tão escondendo alguma coisa’: Discursos coloniais sobre a venda de rua senegalesa em Porto Alegre (RS)”, *Rev. Cadernos de Campo*, Araraquara, n. 30, p. 183-208, jan./jun. 202, E-ISSN 2359-2419.
- Ellwanger, D. e Niemeyer, L. (2013). “Revisão e reflexão sobre design social”, In: Menezes, M. e Moura, M. (Org.) (2013). *Rumos da Pesquisa no Design Contemporâneo: inserção social*. São Paulo: Estação das Letras e Cores. p. 265-285.
- Freire, K. (2014). “Design estratégico: origens e desdobramentos”, in *Anais do 11º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design* [= Blucher Design Proceedings, v. 1, n. 4], São Paulo: Blucher, 2014. ISSN 2318-6968, DOI 10.5151/designpro-ped-01074. p. 2815-2829
- G1- Maranhão (2012). *Maranhão tem a maior taxa de informalidade do país, diz IBGE: Trabalhadores informais atribuem ilegalidade ao alto valor dos impostos. Complicação burocrática seria outro motivo para informalidade*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2012/12/maranhao-tem-maior-taxa-de-informalidade-do-pais-diz-ibge.html>>. Acesso em: 08 jun. 2017.
- Gil, A. (1999). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1999.
- IBGE: *Taxas de desocupação*. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/noticias/emprego-e-previdencia/2018/11/desempregocai-11-9-no-terceiro-trimestre-de-2018-aponta-ibge> acessado em: 10/12/20018
- INPI-Instituto Nacional da Propriedade Industrial (2018). *Classificação de produtos e serviços*. Rio de Janeiro: INPI. Disponível em: <<http://www.inpi.gov.br/menu-servicos/marcas/classificacao>> acessado em: 10/12/2020.
- Itikawa, L. (2006). “Vulnerabilidades do trabalho informal de rua - violência, corrupção e clientelismo”, *São Paulo em Perspectiva*, v. 20, n. 1, p. 136-147, jan./mar. 2006.
- Kopper (2011). “Etnografia de um mercado em transição: a constituição do camelódromo de Porto Alegre/RS e a reconfiguração do trabalho informal”, *Teoria e Sociedade nº 19.2*. 2011. pp. 230-255.
- Lima. A.; Diniz, R.; e Macedo, Y. (2021). “o vendedor ambulante e as condições de trabalho em São Luís (ma) contribuições da ergonomia ao entorno do comércio informal”, in *Anais do Congresso Brasileiro de Ergonomia da ABERGO*. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: [https://www.even3.com.br/anais/abergo2021/427661-O-VENDEDOR-AMBULANTE-E-AS-CONDICOES-DE-TRABALHO-EM-SAO-LUIS-\(MA\)-CONTRIBUICOES-DA-ERGONOMIA-AO-ENTORNO-DO-COMERCI](https://www.even3.com.br/anais/abergo2021/427661-O-VENDEDOR-AMBULANTE-E-AS-CONDICOES-DE-TRABALHO-EM-SAO-LUIS-(MA)-CONTRIBUICOES-DA-ERGONOMIA-AO-ENTORNO-DO-COMERCI). Acesso em: 21/09/2023
- Lima, A. (2020). *Aplicação do Design reverso na avaliação de artefatos de apoio à venda de ambulantes em São Luís-MA*. 2020. Dissertação (Mestrado em Design) - Universidade Federal do Maranhão.

- Löblich, B. (2001). *Design Industrial: bases para a configuração dos produtos industriais*. São Paulo: Edgard Blücher Ltda.
- Macedo, Y. (2020). *Design de base popular: o caso do trabalho dos vendedores ambulantes em São Luís (MA); foco na função prática*. 2020. Dissertação (Mestrado em Design) - Universidade Federal do Maranhão. 160p.
- Macedo, Y. e Diniz, R. (2020). "Design de Base Popular: artefatos utilizados por vendedores ambulantes em São Luís (MA)", in Colóquio Internacional de Design 2020, Blucher Design Proceedings. São Paulo: Blucher, 2020. v. 1. p. 478-492.
- Maccagnan, A. e Meyer, G. (2018). "Design Estratégico para e com deficientes visuais: uma abordagem participativa usando ferramentas adaptadas ao usuário", in *Anais do 13º Congresso Pesquisa e Desenvolvimento em Design (2018)*. São Paulo: Blucher, 2019. ISSN 2318-6968, DOI 10.5151/ped2018-3.2_ACO_16. p. 1682-1696
- Marques, J.; Cavedon, N. e Soilo, A. (2013). "Representações sociais e comércio popular: o caso do Shopping do Porto – Porto Alegre (RS)". *Revista Conluências Culturais*. v. 2. n. 1. 2013.
- Nicchelle, K. e Linden, J. (2017). "Design estratégico: uma contribuição metodológica aplicada ao design de moda", in Bernardes, M. e Linden, J. (orgs.) (2017). *Design em pesquisa: vol 1*. Porto Alegre: Marcavizual. Cap. 8, p. 152-171
- OIT-Organização Internacional do Trabalho (2005). *A OIT e a Economia Informal*. Organização Internacional do Trabalho, Escritório em Lisboa, 2005. Disponível em www.ilo.org/lisbon
- Porto Alegre (2011). "Lei nº 17.134", de 04 de julho de 2011. *Câmara Municipal de Vereadores de Porto Alegre*, Porto Alegre. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/rs/p/porto-alegre/decreto/2011/1714/17134/decreto-n-17134-2011-regulamenta-a-lei-n-10605-de-29-de-dezembro-de-2008-que-consolida-no-municipio-de-porto-alegre-a-legislacao-que-dispoe-sobre-o-comercio-ambulante-e-a-prestacao-de-servicos-ambulantes-nas-vias-e-nos-logradouros-publicos-sobre-a-publicidade-nos-equipamentos-desse-comercio-e-dessa-prestacao-de-servicos-e-revoga-os-decretos-n-4278-de-31-de-dezembro-de-1970-9212-de-26-de-julho-de-1988-12327-de-5-de-maio-de-1999-12364-de-8-de-junho-de-1999-13555-de-14-de-dezembro-de-2001-14391-de-5-de-dezembro-de-2003-14534-de-19-de-abril-de-2004-14960-de-25-de-outubro-de-2005-e-15464-de-22-de-janeiro-de-2007?q=17134>. Acesso em: 4 set. 2023.
- Rocha, A. e Silverira, S. (2007). "Contribuição ao estudo dos espaços de consumo cultural na cidade de Porto Alegre: A identidade do Brique da Redenção", *Iluminuras*, Porto Alegre, v. 8, n. 17, 2007. DOI: 10.22456/1984-1191.9261. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/9261>. Acesso em: 26 set. 2023.
- Silva, A. et.al. (2016). "Dispositivos estratégicos de design social em processos de construção de identidade local", in *Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design 12, Blucher Design Proceedings*. Belo Horizonte: Blucher, 2016. p. 2949 - 2961.
- Singer, P. (2000). "O trabalho informal e a luta da classe operária", in Jakobsen, K.; Martins, R.; e Dombrowski, O. (orgs) (2000). *Mapa Do Trabalho Informal: Perfil socioeconômico dos trabalhadores informais na cidade de São Paulo*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo.
- Scaletsky, C. (2016). *Design estratégico em ação*. São Leopoldo: Unisinos, 2016. 148p.
- Vahdat, V. et.al. (2022). *Retrato do Trabalho Informal no Brasil: desafios e caminhos de solução*. São Paulo: Fundação Arymax, B3 Social, Instituto Veredas. 274p.

- Valese, A. (2007). *Design vernacular urbano: a produção de artefatos populares em São Paulo como estratégia de comunicação e inserção social*. Tese de Doutorado. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Design e semiótica), São Paulo, Brasil.
- Wanderley, I. (2013). *O design dos "outros". Interações criativas na produção contemporânea de artefatos*. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

Agradecimentos

À CAPES e ao projeto "Comunidades Criativas e Saberes Locais: design no contexto social e cultural de baixa renda" - Processo 88887.200506/2018-00 Edital PROCAD-AM - PROCAD Amazônia 2018 - Linha 1 da Universidade 01 junto à Universidade 02 e Universidade 03 pelo CAPES. À FAPEMA, pela bolsa de incentivo à pesquisa e ao Pós-doutorado.

Abstract: This article presents a study on the Urban Vernacular Design (UVD) and informal economy related to Porto Alegre (RS) and São Luís (MA) cities, Brazilian capitals notably with geographic and cultural differences. It was mapping (cartography design) the occurrence of artifacts used by street vendors in Porto Alegre city and, then, categorized it regarding the applicability and functional using in a comparative scenario related to São Luís city. This study was based on qualitative analysis of interviews and field observation. In general, the results showed that, even with geographic and cultural differences, there are similarities and differences related to the informal work process and the UVD between the capital cities regarding the types of products and services offered and the local legislation applied by both cities.

Keywords: Urban vernacular design - informal economy - street vendors - Porto Alegre - São Luís

Resumen: El presente artículo describe la generación del conocimiento sobre el Diseño Urbano Vernáculo (DUV) y el trabajo informal en la ciudad de Porto Alegre (RS) en comparación a la ciudad de São Luís (MA), capitales brasileñas con marcadas diferencias geográficas y culturales. Para ello, se creó un mapeo (cartografía) de la ocurrencia de artefactos, de origen DUV, relacionados con el proceso de venta de productos por vendedores ambulantes en Porto Alegre y, luego, se categorizaron los artefactos para una mejor comprensión sobre su aplicabilidad y funcional importancia para la comercialización de productos y servicios. Para el desarrollo del investigación, se utilizó de entrevistas estructuradas a vendedores ambulantes y observaciones de campo, presentando un panorama del comercio informal y del DUV como una realidad entre las dos capitales. En general, los resultados mostraron que, incluso con diferencias geográficas y culturales, existen si-

militudes y diferencias relacionadas con el proceso de trabajo informal y el DUV, principalmente en consideración de los tipos de productos y servicios ofrecidos, el formato de venta y la legislación.

Palabras claves: diseño urbano local - trabajo informal - vendedores ambulantes - Porto Alegre - São Luís

[Las traducciones de los abstracts fueron supervisadas por el autor de cada artículo]
